

TÍPICAS EDIÇÕES ATÍPICAS: O SUBLIME, O TRÁGICO E AS GRANDES COBERTURAS NO TELEJORNALISMO¹

Ana Regina Teixeira da Silva²

RESUMO

Este artigo retoma a temática das grandes coberturas jornalísticas, abordada em nossa dissertação intitulada *O Sublime e o Trágico no Telejornal: o caso dos Jogos Pan-Americanos 2007 e do acidente da TAM no contexto do Jornal Nacional*. Neste texto, observamos a centralidade das categorias estéticas do sublime e do trágico nas narrativas que compõem as grandes coberturas jornalísticas. O referencial teórico reúne contribuições das teorias do cotidiano, do acontecimento, do telejornalismo, bem como das noções do sublime e do trágico, oriundas do campo da Estética. Por estas vias, sugerimos que o telejornal constitui uma narrativa barroca do cotidiano, cuja essência é permeada por experiências afetivamente positivas e negativas.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Sublime; Trágico; Edições atípicas

ABSTRACT

This paper take the theme of the great media coverage, discussed in our dissertation entitled *The Tragic and the Sublime in the newscast: the case of the 2007 Pan American Games and the crash of TAM in the context of Jornal Nacional*. In this text, we investigated the centrality of aesthetic categories of the sublime and tragic appears in television journalism. The theoretical gathers contributions of theories of everyday life, the event, the TV news, as well as the notions of the sublime and the tragic, coming from the field of Aesthetics. For these pathways, we suggest that television news is a baroque tale of everyday life, whose essence is permeated by affectively positive and negative experiences.

KEYWORDS: Television Journalism; Sublime; Tragic; Atypical Editions.

1. Introdução

Há no telejornalismo um modelo de edição tipicamente destinado aos acontecimentos tidos como extraordinários. Estão no imaginário dos telespectadores as

¹ Artigo encaminhado à categoria Narrativas Audiovisuais.

² Mestra em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba (2004) e especialista em Jornalismo Cultural pelas Faculdades Integradas de Patos – FIP (2005). É professora do curso de Comunicação – Habilitação em Jornalismo - da Faculdade Maurício de Nassau, em João Pessoa (PB).

extensas coberturas dedicadas às catástrofes naturais e aos acidentes com grande número de vítimas ou, ainda, a eventos tidos como grandiosos a exemplo das Olimpíadas e da Copa do Mundo. Entre outros exemplos, poderíamos citar as coberturas referentes ao incêndio ocorrido na boate Kiss, que matou mais de 200 jovens na cidade de Santa Maria (RS) e ao conclave que escolheu o Papa Francisco, ambos no início de 2013.

Nestes momentos, ocorre uma mudança de linguagem e de procedimentos que visa ressaltar o caráter excepcional do acontecimento e da própria cobertura jornalística. Entre as principais características destas edições estão: a cobertura detalhada do assunto com matérias que revelam o acontecimento sob vários enfoques; o destaque à transmissão direta; e o deslocamento de um dos âncoras do estúdio para o local do acontecimento.

Este modelo de cobertura diz muito sobre os interesses que norteiam a ação dos veículos de comunicação e a visão que estes possuem de seu público. Tanto que em sua obra "Jornal Nacional - modo de fazer", o jornalista William Bonner destina um capítulo ao que chama de *edições atípicas* do telejornal.

As características e os sentidos produzidos nestas edições foram tema da pesquisa de mestrado *O sublime e o trágico no telejornal: o caso dos jogos Pan-americanos 2007 e do acidente da TAM no Jornal Nacional*, cujos resultados foram apresentados em 2010.

Os acontecimentos abordados na pesquisa tiveram uma intensa repercussão nacional por um período de aproximadamente duas semanas, no mês de Julho de 2007. Distintas modalidades de sensações (positivas e negativas) se conjugaram naquele momento e ambos dominaram exaustivamente as pautas dos veículos de comunicação - a sua extrema repetição nos audiovisuais os tornaram eventos midiáticos equivalentes.

Diante de tal contexto pode-se questionar: o que torna semelhante o tratamento telejornalístico de acontecimentos tão distintos? *São grandes acontecimentos*, justificariam o senso comum e a *práxis* jornalística. Mas o que os torna *grandiosos* na perspectiva da mídia?

A investigação destes questionamentos nos conduziu ao pressuposto de que o modo como tais acontecimentos evocam os sentidos estéticos do *sublime* e do *trágico* é relevante para a determinação de suas respectivas formas midiáticas. Assim, o objetivo deste trabalho é demonstrar como estes sentidos estéticos (do *sublime* e do *trágico*) estruturam as narrativas do telejornalismo em sua busca pela credibilidade e audiência.

2. Acontecimento e tipificação

A maior parte das teorias que abordam o conceito de acontecimento o define como uma situação que promove uma descontinuidade ou abalo na percepção rotineira da existência. Algumas das controvérsias quanto a definição do acontecimento no contexto do cotidiano são demonstradas pelo teórico Patrick Charaudeau, em sua obra *Discurso das mídias*:

O acontecimento é definido ora como todo fenômeno que se produz no mundo, ora de maneira restritiva como todo fato que está fora da ordem habitual. Ora o acontecimento é confundido com a novidade, ora ele se diferencia dela, sem que se defina a diferença. Ora defende-se a idéia de que o acontecimento é um dado da natureza, ora sustenta-se que ele é provocado. (CHARAUDEAU, 2006, p. 95)

A acepção do acontecimento como algo que promove a desordem pode ser encontrada no pensamento do pesquisador Adriano Duarte Rodrigues (1988). Para Rodrigues, o acontecimento é algo da ordem do aleatório, cujo surgimento rompe o curso natural da existência, provoca uma ruptura na *superfície lisa da história*.

A dicotomia rotina-acontecimento, conforme José Machado Pais (2003), é originária do senso comum, o qual associa o termo *cotidiano* à mesmice e à repetição. Assim, o autor defende que o cotidiano deve ser alçado ao patamar de *histórico-original-significativo*, já que “a vida cotidiana é também o espaço do ingovernável – donde pode surgir o imprevisível, o aleatório, o imprevisto”. (PAIS, 2003, p. 81). Inclusive, algumas iniciativas dos indivíduos - festas, viagens, férias – podem funcionar como uma recusa do cotidiano, enquanto rotina. Tais atitudes, portanto, reorganizam e transformam o cotidiano.

Para Patrick Charaudeau, os acontecimentos têm origem e morte. Seu sentido é dado, exclusivamente, a partir da interpretação pelo indivíduo. No universo do Jornalismo, os acontecimentos podem ser classificados como fenômenos em estado bruto, da ordem do “mundo a comentar”, mas, ao serem tratados pela mídia, são construídos, tendo em vista, sobretudo, seu potencial de atualidade, socialidade e imprevisibilidade.

A partir destas reflexões, podemos inferir que os princípios jornalísticos que definem o que é notícia operam com base na noção de ruptura da rotina cotidiana. Das páginas dos impressos aos telejornais, o cotidiano representado pelo Jornalismo

apresentado está repleto de acontecimentos considerados inesperados, insólitos, graves ou extraordinários.

2.1 Tipificação

A aplicação da fenomenologia de Schutz à teoria da notícia, empreendida por João Carlos Correia (2005), revela um conceito importante para a compreensão do formato noticioso do acontecimento: a tipificação. De acordo com o autor, esta noção engloba os processos generalizadores pelos quais lidamos com o mundo de maneira típica - as práticas naturalizadas do dia-a-dia, que não exigem explicações.

Para Schutz (apud CORREIA, 2005), o *mundo da vida* compreende o mundo das evidências, dos significados intersubjetivamente partilhados, por meio da linguagem, que atua como sistema de tipificação da experiência cotidiana. Cada pessoa observa e interage com o mundo a partir de uma perspectiva específica, determinada por suas experiências pessoais e história de vida. “Mi situación biográfica define mi modo de ubicar el escenario de la acción, interpretar sus posibilidades y enfrentar sus desafíos”. (SCHUTZ, 1974, p. 17).

No âmbito do jornalismo, as tipificações ajudam o profissional a lidar com os acontecimentos inesperados, brutais e extraordinários, estabelecendo regularidades e procedimentos rotinizadores.

Neste sentido, um exemplo de tipificação é a noção de valor-notícia, que revela as características fundamentais para um acontecimento ser considerado noticiável pelos jornalistas. Estes valores-notícias são tidos como algo aprendido pelo pesquisador. Alfredo Vizeu (2005) elenca os valores-notícias no âmbito do telejornalismo, a partir dos seguintes critérios:

Importância: posição que os envolvidos no acontecimento ocupam na hierarquia social; interesse nacional – questão da proximidade geográfica, significação no imaginário; quantidade de pessoas envolvidas no fato; relevância e significação do fato, em termos de futuros desdobramentos;

Interesse: histórias de pessoas comuns em situações insólitas ou flagras do cotidiano de pessoas públicas; inversões de papéis; histórias de interesse humano; feitos heróicos ou excepcionais.

À luz dos escritos da socióloga americana Gaye Tuchman, o professor Alfredo Vizeu (s/a, *online*), demonstra que os jornalistas em suas práticas diárias enquadram as múltiplas realidades a partir de generalizações.

tipificação dos acontecimentos em notícias: ‘duras’ (as factuais, do dia. Ex: um acidente de ônibus com mortos); ‘leves’ (shows, peças de teatro, etc. que não precisam ir ao ar no telejornal no dia em que foram gravadas porque não perdem atualidade) e ‘súbitas’ (uma ruptura no cotidiano. Ex: acidente de avião). (VIZEU, s/a, *online*).

Tendo em vista a complexidade do real, que abriga - simultaneamente - as experiências afetivamente positivas e negativas, compreendemos que o jornalismo encontra-se constantemente desafiado diante dos extremos e tipifica os acontecimentos para equilibrar sua narrativa.

3. Narrativas do sublime e do trágico

O telejornalismo reescreve o cotidiano, a partir de narrativas que arrebatam os sentidos do telespectador, reorganizando os seus afetos em torno dos acontecimentos ditos importantes. Há ocorrências que chegam aos sentidos de maneira alegre e entusiasmada, gerando um sentimento semelhante ao êxtase diante do belo, ou por sua grandeza nos causam uma sensação de impotência: este é o domínio do sublime. Outras ocorrências abruptamente desenterram as sensações de medo, insegurança, horror: a sensibilidade popular as remete ao domínio do trágico.

3.1 Do sublime

O que é o *sublime*? Um estilo elevado... Um superlativo do belo... Um sentimento de impotência ou de solidão diante da grandiosidade de um fenômeno natural... Uma percepção da leveza nos acontecimentos banais... Estas são apenas algumas interpretações para o termo, fornecidas pelas obras de teóricos clássicos e contemporâneos.

Segundo a pesquisadora portuguesa Helena Barbas, a etimologia da palavra, que vem do latim *sublimis*, é composta “de *sub-límen* : ‘o que está suspenso no arquitrave da porta’ (lat. limes), o lintel entre duas colunas” (BARBAS, 2006, p. 2). A partir do contexto etimológico, a autora demonstra que o termo se relaciona com a arquitetura, dando a impressão de algo elevado desde sua origem.

Assim, o sublime é aplicado à retórica e à literatura, constituindo-se como “o estilo próprio dos gêneros mais nobres – epopéia e tragédia” (BARBAS, 2006, p. 2). Um ponto de vista semelhante é apontado na tese de doutorado intitulada *O sublime na tragédia grega*, do pesquisador Mário Vitor Santos. Ele defende que certas passagens das tragédias gregas produzem uma sensação de elevação, grandeza ou transcendência, que seriam da ordem do sublime.

É Edmund Burke que, segundo Helena Barbas, introduz a ideia de que o *sublime* estaria relacionado a um prazer complexo, que tem como base o deleite gerado pela ideia de perigo ou dor, quando estes não afetam o indivíduo diretamente.

A emoção primária provocada pelo sublime seria o espanto, gerado por objetos que excedem o humano em quantidade ou qualidade, podendo causar-lhe uma sensação de insegurança. Neste sentido, o sublime consistiria numa “qualidade dos objetos (grandeza, vastidão, excesso) que provoca uma emoção particular e individual (terror/espanto)” (BARBAS, 2006, p. 12). Por outro lado, as formas do belo teriam qualidades como a polidez, clareza e suavidade, despertando o amor desinteressado.

A obra de Burke é uma das bases das noções do *sublime* difundidas pelo filósofo Immanuel Kant na *Crítica da faculdade do juízo*. Kant começa sua análise do *sublime* por sua concordância ou oposição ao *belo*. O *belo* provoca uma promoção à vida, vinculando-se ao *lúdico*, enquanto o *sublime*, pelo contrário, inibe as forças vitais, conduzindo à seriedade. Ou seja, sublime é perturbador porque dá a ideia da finitude, diante do misterioso, infinito. Partindo desta reflexão, Kant defende que a contemplação do *sublime* produz uma espécie de prazer negativo.

No método kantiano, o *sublime* não está nas formas, mas no plano das ideias e é abordado do ponto de vista das categorias do *matemático* e do *dinâmico*. Do ponto de vista matemático, é denominado *sublime* “o que é absolutamente grande. Mas grande e grandeza são conceitos totalmente distintos (magnitudo e quantitas)” (KANT, 1995, p. 93). Desta forma, o sentido estético do grandioso está na comparação, ou seja, é *sublime* o incomparavelmente grande, imensurável. O sentido estético da grandeza é um padrão de medida subjetivo. Assim, o sentimento do sublime traz uma espécie de desprazer a partir da inadequação da faculdade da imaginação, na avaliação estética da grandeza. Algo é tão excessivo para imaginação que nos incomoda, faz-nos sentir pequenos.

Já o *sublime-dinâmico* está relacionado com o poder da natureza, diante do qual nos damos conta da nossa insignificância. O poder, em Kant, é uma faculdade que se

sobrepõe a grandes obstáculos. Ele fornece numerosos exemplos deste poder da natureza, que é capaz de gerar o sentimento do *sublime*.

Rochedo audazes sobressaindo-se por assim dizer ameaçadores, nuvens carregadas acumulando-se no céu, avançando com relâmpagos e estampidos, vulcões em sua inteira força destruidora, furacões com a devastação deixada para trás, o ilimitado oceano revolto, uma queda-d'água de um rio poderoso etc. tornam a nossa capacidade de resistência de uma pequenez insignificante em comparação com o seu poder. Mas o seu espetáculo só se torna mais atraente quanto mais terrível ele é, contanto que somente, nos encontremos em segurança... (KANT, 1995, p. 107).

Em *Lições sobre a analítica do sublime*, Jean François Lyotard (1993) retoma o pensamento kantiano sobre o conceito. Este autor destaca o caráter contraditório das emoções suscitadas pelo *sublime*, conforme a obra de Kant. A alternância entre sofrimento e prazer gera, segundo Lyotard, uma espécie de satisfação indireta, visto que o *sublime* é “um sentimento de dois tempos contrários: as ‘forças da vida’ sofrem um instante, uma inibição, são retidas, reprimidas; depois são deixadas, expandem-se”. (LYOTARD, 1993, p. 69).

3.2 Do trágico

O acidente com o avião da companhia aérea TAM, em julho de 2007, deslocou o foco do telejornalismo nacional, cujas atenções e estrutura estavam direcionadas para os Jogos Pan-americanos, realizados na cidade do Rio de Janeiro. A reação das emissoras de TV naquele momento e o modo como a cobertura do fato foi condicionada pela estrutura que já se havia montado para a competição poliesportiva é demonstrada abaixo:

O maior acidente da história da aviação brasileira pegou as TVs desprevenidas. Anteontem, todas tiveram que improvisar, apurando informações e editando seus telejornais ao vivo, enquanto eram exibidos. Mobilizadas para o Pan, as redes estavam desfalcadas em São Paulo. A Globo estava sem duas de suas estrelas, César Tralli e Ernesto Paglia, que ontem foram chamados de volta. (MAGALHÃES, 2007, online)

O agendamento do acidente, em relação a outros assuntos, revela o tratamento diferenciado oferecido pela mídia aos acontecimentos trágicos, que são sempre garantia de audiência. Contudo, para além da espetacularização destes acontecimentos, realizada no âmbito midiático, interessa-nos observar o fascínio exercido pelo trágico que, conforme Luna (2005, p. 19), “parece advir do mistério mesmo que o envolve”.

Uma primeira abordagem do trágico seria a que o define como uma característica existencial, própria de acontecimentos como a morte, por exemplo. Mas

não basta que um fato seja funesto para ser classificado como trágico. Segundo Sandra Luna, além de conjugar aspectos como dor e sofrimento, o episódio trágico traz consigo um componente de incongruência, que vai de encontro aos parâmetros de causa e efeito norteadores do pensamento lógico e racional moderno.

Entre os acontecimentos, a morte é tida como evento trágico por excelência (LUNA, 2005). Note-se que o próprio senso comum considera a morte mais trágica, quando é mais inesperada. Um acidente, um assassinato, um suicídio ou mesmo uma doença súbita que leva à morte, geralmente, produzem efeitos mais bruscos que um longo processo degenerativo. No âmbito do jornalismo, são também estes casos que ganham destaque. “Tem mais valor de notícia a morte incomum”, diz o pesquisador Carlos Alberto de Sousa (2007, p.5, *online*). Ainda do ponto de vista do senso comum, outro fator importante é a idade do indivíduo que morre. O natural é que os filhos enterrem os pais, diz o imaginário coletivo.

A angústia gerada por acontecimentos inesperados, incompreensíveis, imerecidos, sobretudo, se são causadores de muitas mortes como foi o acidente citado, portanto, intrínseca à essência destes fatos que permeiam a existência humana. Considerando a universalidade de tais sensações, não é de se estranhar o tratamento - na maioria das vezes - espetacularizado, conferido pela mídia a esses fenômenos que, até hoje, tentam ser explicados por doutrinas religiosas ou filosóficas.

Outra abordagem teórica do trágico seria a que o define como um sentido ou modo de percepção da existência. É neste sentido que Maffesoli (2003) fala do sentimento *trágico-lúdico* da existência, presente nas entrelinhas das práticas sociais pós-modernas. Ao contrário do drama moderno, marcado pelo signo da velocidade e do individualismo, o sentimento do trágico está associado à tribalização e ao presenteísmo. Vive-se com tal energia que cada instante parece eterno.

“Quem diz trágico, diz intensidade (...) Daí a importância do festivo, a potência da natureza e do entorno, o jogo das aparências, o retorno do cíclico acentuando o destino, coisas que fazem da existência uma sucessão de instantes eternos”, afirma Michel Maffesoli (2003, p. 12). A vida com intensidade e a crença na força do destino contribuem para que o hedonismo seja um dos sinais da consciência do trágico no mundo contemporâneo. “O destino recorda que o ser é acontecimento, até mesmo advento”, diz Maffesoli (2003, p. 26). Tudo é vivido de forma excessiva porque se acredita que a vida passa rápido e é preciso aproveitar cada instante da melhor forma.

Diante da força do destino, a sociedade pós-moderna tenta eternizar-se na busca pelo prazer, no estar-junto e na busca pelo sagrado.

Os meios de comunicação exercem um papel importante no estabelecimento deste sentido trágico da existência. “As telenovelas, os documentários e os telejornais não fazem senão despertar em qualquer um o desejo de um destino intenso”, assegura Maffesoli (2003, p. 42). Por um lado, se vê no cotidiano das celebridades os modelos de uma vida de conquistas repleta de amores, conquistas e prazeres. Por outro, a espetacularização da violência e das fatalidades impulsionam a aproveitar tudo o que há para viver, sem deixar nada para depois, pois diante de tantos perigos o amanhã é incerto.

A repetição é também um indício do retorno do trágico, uma vez que ela provoca uma suspensão na linearidade do tempo, assinalando também o retorno do mito. Um bom exemplo disto é a experiência mediada pela televisão. A repetição das imagens traz consigo um efeito mítico. Ao eternizar as imagens, a repetição detém o tempo e revela seu aspecto ritual. Assim, as impressões do *já visto*, do *já sentido* e do *já ouvido* contribui para se escape da temporalidade linear e utilitária e viva-se “uma espécie de eternidade” (MAFFESOLI, 2003, p. 65) no dia-a-dia.

4. Típicas edições atípicas

Em *Jornal Nacional – Modo de Fazer pode-se* destacar pelo menos duas situações em que o formato tradicional do programa é modificado: na ocorrência de acontecimentos graves, inesperados ou de grande relevância (acidentes aéreos, catástrofes naturais, grandes ações terroristas e morte de personalidades, por exemplo); e em grandes eventos planejados (competições esportivas como Copa do Mundo ou eleições presidenciais). O grande destaque conferido a estes assuntos gera o que o editor do programa chama de *edições atípicas* do JN.

Bonner (2009) destaca a importância que, segundo ele, o telespectador atribui à repercussão dos acontecimentos bombásticos pelo JN. E, sendo assim, evoca o respeito do programa a tal expectativa de milhares de telespectadores para explicar as adequações do JN “às exigências de tempo e de detalhamento daquele fato”. (BONNER, 2009, p. 147). As coberturas dos Jogos Pan-americanos, no Rio de Janeiro, do acidente com o avião da TAM, em São Paulo, ambos ocorridos em Julho de 2007, estão no rol destas edições atípicas.

No dia da abertura do PAN, realizada em 13 de Julho de 2007, a cobertura dos Jogos predominou em pouco mais de um terço da duração total do JN. Essa postura da mídia nacional em grandes eventos esportivos como Copa do Mundo e Jogos Olímpicos já é esperada, conforme aponta Mello (2006, p.1), visto que “é comum que boa parte da programação dos canais de televisão ou das páginas dos jornais dediquem mais espaço aos jogos e competições, do que a outras áreas como política e economia”.

Nos primeiros dias dos jogos, a cobertura jornalística dos grandes veículos de comunicação se intensificou, marcada pelo tom de euforia e ufanismo, como demonstra o editor-responsável do Observatório da Imprensa, Alberto Dines.

Manchete de segunda-feira do *Globo*: "Brasil humilha a Argentina e é bi". A *Folha*, irreconhecível: "Brasil – vence Copa América, ganhou ouro no Pan e é imbatível no volei". (...) O *Jornal Nacional* de segunda-feira parecia *Paráiso Tropical*, simbiose perfeita entre jornalismo-espetáculo e espetáculo-espetáculo: os irmãos esgrimistas vertendo copiosas lágrimas ao lado da mãe, a ginasta Jade Barbosa dando um show e perdendo na última exibição. (DINES, 2007, online)

Após o acidente, ocorrido quatro dias depois do início dos Jogos, a competição fica relegada ao segundo plano, garantindo o equilíbrio da narrativa do telejornal. É interessante observar o relato do editor do programa a respeito da edição do JN no dia do acidente:

(...) o jornal está quase pronto, entrará no ar dentro de 40 minutos – e chega a notícia de um desastre como o de julho de 2007 no aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Um fato grave e inesperado. (...) Imediatamente, entramos no ar com um “plantão” – que interrompe o que quer que esteja em exibição. O caráter urgente da notícia justifica isso plenamente. Depois, enquanto as informações vão sendo apuradas, e delinea-se um quadro mais preciso da extrema gravidade da situação, todos os assuntos que tinham tempo garantido no JN passam a ser reavaliados. Porque existem notícias e notícias. Algumas são indiscutíveis. Têm valor absoluto. (BONNER, 2009, p. 25)

Na edição da noite do acidente, entre as notícias preteridas estavam várias sobre os Jogos Pan-americanos, que desde sua abertura tinha maior destaque no programa. “Pelo menos dez minutos de noticiário sobre o Pan foram jogados fora”, observou Magalhães (2007, online).

Naquela noite, o JN teve duração de 1º05’10” (uma hora cinco minutos e dez segundos) e, praticamente, metade da edição (quase 37 minutos) foi dedicada ao acidente, com predominância da cobertura *ao vivo*. Considerando que o *Jornal Nacional* dura de 31 a 35 minutos, em média, (BONNER, 2009), podemos dizer que só a cobertura do acidente tomou mais que o tempo de uma edição normal, enquanto as matérias sobre os Jogos ocuparam 10 minutos e 48 segundos. Ao longo da semana, as

edições do Programa se equilibraram entre notícias sobre o acidente e a competição, ficando reduzido o destaque a outros acontecimentos relevantes como o escândalo político envolvendo o então presidente do Senado, Renan Calheiros, e a morte do senador baiano Antônio Carlos Magalhães (ACM), em 20 de julho daquele ano.

Além do agendamento dos dois acontecimentos em relação aos demais, nos dias seguintes à abertura dos Jogos e ao acidente, observamos que a transmissão ao vivo e o deslocamento dos âncoras aparecem como elementos que distinguem a cobertura dos dois acontecimentos do tratamento conferidos às demais notícias. No caso dos jogos, tem-se a presença da âncora Fátima Bernardes, nos três primeiros dias de realização dos Jogos Panamericanos, na Vila do Pan, no Rio de Janeiro. Além de ancorar o programa, ela realizou entrevistas ao vivo com comentaristas dos Jogos como o ex-nadador Gustavo Borges e o locutor Galvão Bueno. A cobertura do acidente também ficou marcada pelo deslocamento do editor e âncora William Bonner, para as proximidades do local do acontecimento, nos três dias que se seguiram ao fato.

O deslocamento de ambos constitui um efeito de presença e transforma o local dos acontecimentos em cenário, ou seja, temos um prolongamento do estúdio de TV, ou do *não-lugar* do acontecimento, como afirma Baudrillard (1999, p. 148). Assim, acreditamos que este é um recurso, assim como o uso da transmissão ao vivo demonstram uma espécie de mudança típica de linguagem realizada pelo programa para agregar credibilidade à cobertura de acontecimentos considerados grandiosos.

4.1 Emanações do sublime e do trágico

Em nossa pesquisa, inferimos que os sentidos estéticos do *sublime* e do *trágico* se impõem na cobertura dos acontecimentos citados. Primeiramente, podemos contemplá-las na própria natureza dos acontecimentos. Por um lado, o sublime e trágico estão presentes no PAN, que evoca a grandiosidade, a superação, bem como a ideia do instante eternizado, da participação holística da multidão tão própria do sentido trágico da existência, postulado por Maffesoli (2003). De outra maneira, inferimos que há um deslocamento da experiência trágica no caso da cobertura do acidente da TAM que, nos termos de Nietzsche (1983), promove a catarse, desencadeando as reações mais nobres dos seres humanos para uma dimensão sublimada e esteticamente dramatizada do acontecimento.

Note-se que, como foi demonstrado pela revisão bibliográfica, estas categorias estão historicamente associadas a representações artísticas e não do cotidiano. No

entanto, acreditamos que os recursos estéticos do telejornalismo e o próprio deslocamento que ele produz no tempo e no espaço fazem com que haja um distanciamento das experiências apresentadas. Assim, postulamos que é possível se falar em uma experiência estética com o telejornalismo e defendemos que a presença do trágico e do sublime é uma constante nas representações do telejornalismo, em sua busca diária por acontecimentos que despertem emoção (PATERNOSTRO, 1987).

Nas matérias sobre o PAN, observamos que a presença do sublime se firma na apresentação da grandiosidade do evento e de tudo o que destaca seu caráter único. O sublime aparece como leveza (LOPES, s/a, *online*) da narrativa, característica do telejornalismo esportivo que tem a liberdade de usar uma linguagem lúdica com referências poéticas, trocadilhos, frases irônicas e jocosas. A categoria estética aparece ainda no silêncio diante da emoção ufanista e na euforia diante da beleza do evento de abertura. Por outro lado, observamos estratégias narrativas de sublimação das tragédias pessoais dos atletas - saída da seleção ou perda de medalhas, por exemplo.

Já o acidente da TAM pode ser considerado um evento trágico, por excelência, tendo em vista seu caráter inesperado, o grande número de mortes e as circunstâncias do acontecimento – o acidente ocorreu no momento em que a viagem já era considerada terminada pelas vítimas, que iriam se encontrar com seus parentes e amigos, e eram também esperadas por eles. Neste caso, os fragmentos do trágico estão nas imagens dos destroços do avião, no pranto das famílias, na postura grave dos repórteres, nas referências ao destino; enquanto o sublime encontra espaço na própria dimensão da tragédia; nas imagens imponentes das chamas, que atraem pela própria figura mítica do fogo, mas causam desconforto e sensação de impotência; no trabalho de superação dos bombeiros; na sublimação da dor dos familiares das vítimas.

Do ponto de vista do *contexto*, inferimos que tais sentidos estéticos justificam a própria forma como os acontecimentos se impõem na pauta na condição de absolutos, especialmente nas edições da abertura do PAN e no dia do acidente da TAM. Além do agendamento, os acontecimentos são destacados por mudanças nas estratégias de representação e na própria linguagem do programa como o deslocamento dos âncoras para o local do acidente e dos Jogos – nas palavras de Bonner (2007), a presença deles representa o próprio JN no local. A transmissão ao vivo também reforça este destaque dado aos acontecimentos. Em uma interpretação livre desta postura imperativa de tais acontecimentos poderíamos dizer que, no âmbito do telejornal analisado, eles se

estabelecem como sublimes, já que aos olhos do programa todos os outros acontecimentos se tornam pequenos diante deles.

5. Considerações finais

Ao dedicar a maior parte de uma edição ao mesmo assunto, o telejornal acaba quebrando a regra do equilíbrio da narrativa - o que pode se repetir por vários dias. Ainda assim, mesmo com o próprio desequilíbrio da edição em termos temáticos, pode-se dizer que existe um certo equilíbrio estético das narrativas, ora pontuadas pelo trágico, ora pelo sublime. Assim, acreditamos que a capacidade de manifestação destes sentidos estéticos é essencial na caracterização de um grande acontecimento por parte dos telejornais.

Vale destacar, ainda, o uso destas categorias em prol do fortalecimento do discurso institucional – no caso do PAN, a apresentação do evento grandioso, como projetaram os organizadores; no caso do acidente, a tragédia ganha conotação política e há uma tentativa de culpabilizar o poder público pelas mortes. Em relação ao acidente da TAM, observamos que esta busca por culpados foi um dos elementos que motivaram a cobertura extensa dada ao acontecimento – muitas matérias de caráter político cujo foco foge ao escopo deste estudo foram realizadas no período.

Por fim, acreditamos que o objeto abre outras perspectivas que não foram abordadas em profundidade como a análise do uso ideológico e político dos sentidos do trágico e do sublime; a dissolução destes sentidos diante novelização dos acontecimentos; e os tipos de emoções que estes regimes simbólicos despertam no telespectador.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

BARBAS, Helena. **O sublime e o belo** – de Longino a Edmund Burke. Disponível em http://hbarbas.tripod.com/Sublime_H_Barbas.pdf Acesso em 25 de janeiro de 2010.

BAUDRILLARD, Jean. **Televisão/Revolução: o caso Romênia**. In: PARENTE, Andre (org.) *Imagem-Máquina : a era das tecnologias do virtual*. 3.ed. Rio de Janeiro : Ed.34, 1999.

BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. São Paulo: Globo, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução Angela S. M. Corrêa. - São Paulo: Contexto, 2006.

CORREIA, João Carlos. **A Teoria da Comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro. Contraponto, 1997.

DINES, Alberto. **Patriotada da imprensa marca início dos jogos**. Observatório da Imprensa, 17/07/2007. Disponível em: [http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod= 442FDS001](http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=442FDS001). Acesso em: 30 de junho de 2008.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

LOPES, Denilson. **Por uma arte do sublime**. Disponível em: http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20030712/sup_pen_120703_19.htm. Acesso 08/09/2008.

LUNA, Sandra. **Arqueologia da ação trágica: o legado grego**. João Pessoa: Idéia, 2005.

_____. **A tragédia no teatro do tempo: das origens clássicas ao drama moderno**. João Pessoa: Idéia, 2008.

LYOTARD, Jean François. **Lições sobre a Analítica do Sublime**. Campinas: Papyrus, 1993.

MAFFESOLI, Michel. **O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.

MAGALHÃES, Luís A. **Acidente aéreo pega redes desfalcadas, mas dá ibope**. Folha de São Paulo, 19/07/2007. In: Observatório da Imprensa. Disponível em: [http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod= 442ASP015](http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=442ASP015) Acesso em: 22 de junho de 2008.

MELLO, Vanessa S. **Jogos Olímpicos de 2004: as narrativas televisivas e a valorização da identidade brasileira**. In: UNIrevista. Vol. 1, n° 3: jul. 2006. Disponível em www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Mello.pdf Acesso em: 02 de julho de 2008.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. In: Obras Incompletas / Friedrich Nietzsche. S. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. Paulo: Abril Cultural, 1983.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.
PAIVA, Cláudio Cardoso de. **Epifanias do sublime, do trágico e do maravilhoso na minissérie *Hoje é dia de Maria*: Mídia e cultura no tempo das artes tecnológicas**. In: BOCC,

2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/paiva-claudio-epifania-do-sublime.pdf>
Acesso em: 01 de julho de 2007.

PATERNOSTRO, Vera I. **O texto na TV: Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro, 1987.

RODRIGUES, Adriano D. **O acontecimento**. In: *Jornalismos, Revista de Comunicação e Linguagens* n° 8. Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, Lisboa, 1988.

SANTOS, Mario V. P. **O sublime na tragédia grega: ordem e desordem na iminência do ritual**. Tese de Doutorado, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-19102009-150202/> Acesso em 25 de janeiro de 2010.

SCHUTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**. Escrito I. Buenos Aires: Amorrortu, 1974.

VIZEU, Alfredo. **Telejornalismo: o conhecimento do cotidiano**. 2005. Disponível em www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2005/alfredovizeu2005.doc. Acesso em 03 de agosto de 2008.